

**Introdução ao dossiê *Corpo,*  
*resistência e insubmissão na*  
*literatura portuguesa dos séculos*  
*XX e XXI***

*Introduction to the dossier **Corpo,** resistência e  
insubmissão na literatura portuguesa dos  
séculos XX e XXI*

**Maria Araújo Silva**  
Sorbonne Université  
**Ana Luísa Vilela**  
Universidade de Évora  
**Matteo Pupillo**  
Universidade de Évora

*On ne peut pas écrire sans la force du corps.*  
Marguerite Duras (1983)

A epígrafe da escritora francesa, escolhida para este número temático, subsume a estrita relação entre a espessura orgânica e a sua consequente inscrição nas diversas formas de expressão criativa, em que se cruzam “lugares discursivos, textuais, artísticos, verbais e não verbais” (Magalhães, 2010, p. 114). Assim, e passível de múltiplas representações, o corpo surge como a matéria que nomeia e formata a nossa existência no mundo, configurando-se, na expressão de Gonçalo M. Tavares, como uma “casa fisiológica” (Tavares, 2019, p. 122), em que desaguam, num processo osmótico, o corpo e o *corpus*.

É nesta fusão, designada de “*corpographèse*” pela crítica literária mais recente (Paveau & Zoberman, 2009), que o corpo é textualizado como um “polo fundamental de luta e resistência” (Amaral; Macedo: 2005, p. 25), consoante os autores dos oito textos aqui apresentados tentam demonstrar nas suas análises. Para tal, este número temático nasce com o intuito de continuar a sedimentar a reflexão em torno do corpo na literatura portuguesa contemporânea, concentrando-se, sobretudo, nas formas de insubmissão e de resistência do orgânico, individual e/ou coletivo, inscritas entre o real e o ficcional, o poético e o político, o simbólico e o imaginário.

Feita esta breve premissa, e delineado o objetivo do nosso número, passemos a ilustrar os objetos de análise de cada texto. O primeiro artigo, de **Mafalda Borges Soares**, debruça-se sobre algumas representações do corpo envelhecido, bem como sobre a rede de preconceitos que ele acarreta na nossa sociedade, à luz do mais recente romance de Lídia Jorge, *Misericórdia* (2022). Ainda na esteira de formas resistentes, o escrito de **Cláudia Capela**, enquadrado no eixo das poéticas do corpo, incide na transgressão, tanto discursiva como genológica, da poesia de Madalena de Castro Campos, enquanto construção autobiográfica projetada pela figura de Maria Madalena. **Rui Alberto Alves Trindade Costa**, por seu lado, observou os processos de corporeidade semântica que atravessam a obra de Al Berto, vasculhando, de modo particular, a metamorfose identitária e o jogo de imagens orgânicas que se corporificam na prosa *Lunário* (1988). **Maria Lúcia Dal Farra**, partindo de algumas antologias de Natália Correia, imbuídas de uma escrita vulcânica prestes a dismantelar todo o aparato ideológico salazarista, a ponto de ser chamada “maldita”, lança-se na ação de cartografar o corpo feminino passando em revista vários poemas e esboçando um registo veemente da opositora ao Estado Novo. **Matteo Pupillo** examina a relação entre docilidade e subversão textualizada na obra *Contar de Subversão* (1990), de Olga Gonçalves, a qual, no encaço da filiação das Três Marias, denunciou as tensões resultantes do pós 25 de Abril, pautando-se estas por ações de convivência, submissão e subversão ou resistência. Na senda da mesma linha histórica e temporal, **Raquel Sabino** analisa a obra *Os Armários Vazios*, de Maria Judite de Carvalho, publicada durante o regime do Estado Novo, observando como o corpo romanesco da protagonista, moldado pela opressão patriarcal, condiciona os modos de expressão das transformações ideológicas e sociais. **Maria Araújo da Silva**, partindo de duas obras de Dulce Maria Cardoso, *Os Meus Sentimentos* (2005) e *Eliete* (2018), procura refletir, através dos gestos e das posturas de Violeta e Eliete, personagem do romance epónimo, sobre os papéis enraizados na tradição e sobre a consequente abertura de espaços de insubordinação, face às heranças inibidoras da liberdade feminina. Por fim, **Fábio Mário da Silva** concentrou-se nas novelas de Judith Teixeira – “Insaciada” e “Satânia”, ambas publicadas em *Satânia* (1927) –, escrutinando nelas como as práticas

de submissão e insubmissão das figuras femininas revelam problemáticas com fins trágicos.

Em jeito de conclusão, e recuperando a noção de “*corpographèse*”, notamos que a palavra, enquanto *ser verbal*, tece e retém em si a orgânica destes “seres de papel” (Barthes, 1966), cujo corpo se dilata e se insurge contra a constituição de regimes e dos seus dispositivos de poder e submissão e, de um modo geral, contra toda a ordem normativa, questionando o lugar que ocupa e a sua interação com o mundo.

Da autoria de Laura Santos, a quem agradecemos os direitos de reprodução cedidos, a imagem escolhida para ilustrar este número temático inscreve-se na série “S’(aint), 2023-2024”<sup>1</sup>, que “visa desafiar as fronteiras entre a tradição e a modernidade, investigando a interseção entre o divino e o erótico”. Relativamente à mesma, a Artista acrescenta ainda: “As imagens, meticulosamente compostas e envoltas nas cores simbólicas, revelam a tensão entre a repressão e a liberdade, entre o ritual e a transgressão. Ao entrar neste universo visualmente impactante, o espectador é convidado a refletir sobre as normas sociais, a moralidade e as limitações que muitas vezes são impostas pela religião. «S(ain’t)» desafia preconceitos, desmistifica conceitos enraizados e convida à introspecção sobre o papel da igreja na construção e repressão da sexualidade humana”.

## Referências

AMARAL, Ana Luísa; MACEDO, Ana Gabriela (2005). *Dicionário da Crítica Feminista*. Porto: Afrontamento.

MAGALHÃES, Isabel Allegro de. (2010). “A instância corpórea do humano: Sexualidades e subjectividades, mulheres e ética”, in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 89 (Estudos Feministas e Cidadania plena): DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.3740>, p. 111-125.

PAVEAU, Marie-Anne; ZOBERTMAN, Pierre (2009). « Corpographèses ou comment on/s’écrit le corps », *Itinéraires*, p. 7-19. DOI : <https://doi.org/10.4000/itineraires.321>

TAVARES, Gonçalo M. (2019). *O Atlas do Corpo e da Imaginação. Teoria, fragmentos e imagens*, Lisboa: Relógio D’Água.

---

<sup>1</sup> Cf. [isvelvetmuzzle.wixsite.com/portfolio](https://www.isvelvetmuzzle.wixsite.com/portfolio) e LS.VELVET.MUZZLE (Instagram).